

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA
DISCIPLINA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Jefferson Araújo de Oliveira
Maria Daniela Fernandes Bastos

Prevalência e Fatores Associados à Ansiedade em Adolescentes: um levantamento bibliográfico

RIO BRANCO – ACRE
2022

Jefferson Araújo de Oliveira
Maria Daniela Fernandes Bastos

Prevalência e Fatores Associados à Ansiedade em Adolescentes: um levantamento bibliográfico.

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Federal do Acre, como requisito básico para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.
Orientadora: Profa. Dra. Vera Alice Pereira da Silva

RIO BRANCO – ACRE
2022

Jefferson Araújo de Oliveira
Maria Daniela Fernandes Bastos

Prevalência e Fatores Associados à Ansiedade em Adolescentes: um levantamento bibliográfico.

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Federal do Acre, como requisito básico para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Alice Pereira da Silva

Composição da banca examinadora

Profa. Esp. Cleonice Nascimento Frota Soares
Universidade Federal do Acre

Prof. M.Sc. Pádua Custódio Bezerra da Silva
Centro Universitário Uninorte

Profa. Dra. Vera Alice Pereira da Silva
Universidade Federal do Acre

RIO BRANCO – ACRE
2022

Agradecimentos

Aos familiares/amigos, orientadora e a composição da banca agradecemos por toda orientação, suporte, incentivo e aprendizagem adquirido no decorrer desse processo para realizar o Trabalho de Conclusão de Curso. O sentimento de gratidão também se faz presente, a Deus por toda a força e saúde para dar continuidade nessa caminhada.

Nota dos autores

Jefferson Araújo de Oliveira (Oliveira, J. A) – Graduando do Curso de Bacharelado em Psicologia pela Universidade Federal do Acre –. Maria Daniela Fernandes Bastos (Bastos, M. D. F) – graduanda do Curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Federal do Acre –. Profa. Dra. Vera Alice Pereira da Silva (Silva, V. A. P) – Graduada em Psicologia pela Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP –, Graduada em Psicologia Clínica em PUC do Rio Grande do Sul –PUCRS –, Especialista em Psicopedagogia, Saúde Pública e Educação na Saúde para preceptores do SUS, Mestre em Ciência Política em Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ –, Doutora em Psicologia Clínica em PUC do Rio Grande do Sul – PUCRS –, Professora da Universidade Federal do Acre.

Endereço de correspondência

Jefferson Araújo de Oliveira – Jefferson.araujo@sou.ufac.br – ; Maria Daniela Fernandes Bastos – maria.bastos@sou.ufac.br –; Vera Alice Pereira da Silva. vera.silva@sou.ufac.br – ;
Campus Universitário de Rio Branco Rodovia BR 364, Km 04, b: Distrito Industrial Rio Branco – AC CEP 69.915-900 Telefones: (68) 3901-2568 / 3901-2402 Fone/Fax: (68) 3901-1246 (A/C Edufac).

RESUMO

A prevalência de fatores associados à ansiedade em adolescentes tem sido objeto de muitos estudos, assim, foi realizado um levantamento bibliográfico do que foi publicado no Brasil sobre ansiedade e adolescência nos últimos cinco anos, os quais visam analisar os fatores que potencializam o estado de ansiedade, resultando em diversos riscos à saúde dos (as) adolescentes brasileiros (as). Foram analisados artigos que mantiveram uma relação sobre o tema e que possuíam uma contextualização do problema do transtorno de ansiedade numa fase tão peculiar da vida. O método utilizado para a execução do trabalho baseou-se na pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico integrativo e exploratório, a fim de reunir os materiais que trataram da proposta de pesquisa. Assim, o levantamento dos artigos foi realizado nas plataformas Scielo, PePsic, Fiocruz, Biblioteca Virtual em Saúde – BVS-PSI, Google Acadêmico, resultando em quinze artigos de língua portuguesa (Brasil). O objetivo foi verificar a necessidade de aperfeiçoamento e ampliação dos estudos, tendentes a consolidar formas de acompanhamentos que contribuam para evitar que tal transtorno, não resulte no desencadeamento de outras situações de risco mais graves, finalizando na exposição de uma tabela de amostra, para que os principais pontos dessas publicações sejam facilmente encontrados e analisados.

Palavras-chave: adolescência, ansiedade, transtorno.

Prevalence and Factors Associated with Anxiety in Adolescents: a bibliographic survey

ABSTRACT - The prevalence of factors associated with anxiety in adolescents has been the subject of many studies, so a bibliographic survey of what has been published in Brazil on anxiety and adolescence in the last five years was carried out, which aim to analyze the factors that potentiate the state of anxiety. , resulting in several health risks for Brazilian adolescents. Articles that maintained a relationship on the subject and that had a contextualization of the problem of anxiety disorder in such a peculiar phase of life were

analyzed. The method used to carry out the work was based on qualitative research of an integrative and exploratory bibliographic character, in order to gather the materials that dealt with the research proposal. Thus, the survey of articles was carried out on the platforms Scielo, PePsic, Fiocruz, Virtual Health Library - BVS-PSI, Google Scholar, resulting in 15 articles in Portuguese (Brazil). The objective was to verify the need for improvement and expansion of studies, with a view to consolidating forms of follow-up that contribute to preventing this disorder from triggering other more serious risk situations, ending in the exposure of a sample table, so that the main points of these publications are easily found and analyzed.

Keywords: adolescence, anxiety, disorder.

INTRODUÇÃO

A infância e adolescência se caracterizam como uma faixa etária onde ocorrem profundas transformações no que se refere às relações biopsicossociais, marcada por um período em que vários aspectos da vida destes sujeitos estão em processo de desenvolvimento.

Na adolescência, especificamente, constitui-se como uma fase de transição entre o período da infância e da vida adulta, sendo caracterizada pelos impulsos do desenvolvimento cognitivo, emocional, físico, entre outros. Apesar de a ansiedade ser um tema bastante amplo dentro do escopo psicológico, o objetivo desse estudo não é diferenciar os estilos e métodos de trabalho, mas sim, verificar o que se tem pesquisado e estudado na atualidade, dentro de um recorte do desenvolvimento humano, a adolescência.

Todavia, visa estabelecer uma relação entre as publicações existentes, usando plataformas digitais de publicação, dentre elas BVS-PSI, Scielo, PePsic, Fio Cruz, Google Acadêmico. Além do critério de exclusão e inclusão pelo ano de publicação, também se

optou por filtrar a Língua Portuguesa (Brasil), e as palavras-chaves ‘ansiedade e adolescência’ na mesma sentença.

O conteúdo encontrado foi descrito através de uma tabela de amostra para que essas publicações sejam facilmente encontradas e analisadas, com a finalidade de estabelecer uma relação entre as publicações existentes, usando plataformas digitais de publicação dos periódicos acima mencionados.

A ansiedade é entendida como uma emoção comum do ser humano, caracterizada por um sentimento vago e desconfortável de apreensão e medo, por vezes, antecipando o perigo de algo desconhecido. Entretanto, quando a ansiedade e o medo são desproporcionais, exagerados em relação ao estímulo, interferindo na qualidade de vida do indivíduo, são descritas como patológicas. Para diferenciar ansiedade normal e a patológica, observa-se a reação ansiosa, se é de curta duração, autolimitada e relacionada ao estímulo do momento ou não (Castillo, Recondo, Asbahr & Manfro, 2000).

No que se refere ao tema do artigo sobre a ansiedade na adolescência, foi abordado segundo o descrito pelo (DSM-5) - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – 5ª Edição, o qual qualifica ansiedade patológica como “transtornos de ansiedade excessivos e perturbações comportamentais relacionadas” (APA, 2014). É ainda colocado no plural, justamente por diferirem entre si em relação aos objetos e situações que levam aos sintomas de medo, ansiedade e/ou comportamentos de esquiva. Faz-se necessário frisar que os transtornos de ansiedade, por serem comórbidos entre si, devem ser diferenciados e diagnosticados com um exame detalhado, levando em consideração as “situações que são temidas ou evitadas e pelo conteúdo dos pensamentos ou crenças associados” (APA, 2014).

Para fins de diagnóstico, só a presença de sintomas não é suficiente, mas pode ser estabelecido através da verificação da intensidade e da influência que o sofrimento tem na vida de uma pessoa. Portanto, de acordo com Dalgalarondo (2019), é necessário verificar se

os sintomas ansiosos causam sofrimento clinicamente significativo e prejudicam a vida pessoal, social e ocupacional do indivíduo. Para a consideração de uma patologia, Castillo, Recondo, Asbahr e Manfro (2000) expressam que é possível quando os sintomas ocorrerem de modo exacerbado, onde vá interferir na qualidade de vida emocional e no desempenho diário que são desenvolvidas as atividades da vida cotidiana do indivíduo.

TRANSFORMAÇÕES NA ADOLESCÊNCIA

A adolescência é uma etapa da vida, comumente conhecida por suas transformações, o que facilita o surgimento dos estados de apreensão e o surgimento do estado de ansiedade, sendo entendida muitas vezes como um aspecto da rebeldia, dentro desta fase do desenvolvimento (Kinouti, Galli & Bertozzi, 2021).

Ferrari (1996) salienta que as pessoas passam por mudanças que são profundas na adolescência, justamente pelas significativas transformações físicas, comportamentais e sociais que são diferenciadas das crianças, mas relembrando a não atuação na vida adulta, o que coloca assim, o adolescente em intenso estado de alerta. É uma fase que traz uma maior consciência da violência, e acaba por reproduzir um desejo de receber uma posição de destaque na sociedade, por meio de ações diferenciadas, que motivam a conquista da independência e da possibilidade de não precisar seguir determinadas regras sociais.

Isso ocorre em sua grande maioria, em ambientes considerados liberais e democráticos, no entanto, com regras definidas de convivência e valores. A família tem expectativas em relação ao adolescente, que, por sua vez, tem vontade de viver não sabendo exatamente o quê, porém uma vida diferente da que tem vivido. (Batista & Sisto, 2005).

Desenvolvimento Humano dos Adolescentes

O desenvolvimento humano está presente na vida dos indivíduos desde sua concepção e segue até sua morte, portanto, é um processo complexo e hierarquizado, cheio de nuances em cada fase, onde envolve, características interorgânicas além das relações sociais (Sifuentes, Dessen & de Oliveira, 2007). O interesse evolutivo sobre o desenvolvimento humano sempre foi uma questão de problematização, as pesquisas sobre o tema são relativamente novas, tendo seu início no século XXI, integrando-se a uma nova questão social, as teorias que surgiram, tinham como objetivo interpretar o progresso do país, objetivando o equilíbrio entre o bem-estar e a justiça social (de Moura & Perreira, 2017).

Voltado à adolescência, percebe-se que frequentemente adolescentes vivem diante de constantes desafios, geralmente relacionados aos problemas reais ou as situações imaginárias, onde é esperado deles as respostas adequadas. Nesse contexto, é possível identificar situações ansiogênicas as quais o adolescente fica exposto.

Após a terceira infância, as crianças aproximadamente aos onze anos vivenciam a fase da adolescência, que ocorre até por volta de vinte anos de idade. A adolescência é um período de transição entre a terceira infância e a vida adulta, caracterizada por mudanças no desenvolvimento físico, psicossocial e cognitivo. O desenvolvimento físico baseia-se em alterações hormonais, mudanças no crescimento e na maturação sexual (Papalia & Feldman, 2013).

As alterações hormonais são decorrentes do aumento dos hormônios FSH (folículo estimulante) e do LH (luteinizante). Esses hormônios ocasionam modificações no corpo, nos meninos o crescimento dos ombros mais alargados, amadurecimento sexual e pernas maiores, e nas meninas o acúmulo de gorduras, crescimento de pêlos, oleosidade sobre a pele e um alargamento da pelve e na maturação sexual. Com todas essas transformações no corpo do adolescente, é comum que o desenvolvimento hormonal se relacione a uma intensa

emotividade e instabilidade no humor, causando angústia, hostilidade e sintomas depressivos (Susman & Rogol, 2004, citado por Papalia & Feldman, 2013).

O desenvolvimento cognitivo envolve mudanças no funcionamento cerebral, no pensamento abstrato e na linguagem. O cérebro do adolescente encontra-se em processo de amadurecimento, embora envolva alterações nas mudanças estruturais, tais como nas emoções, no autocontrole e na organização do comportamento.

Esse cérebro ainda é considerado "imaturo", em que muitas vezes as emoções podem se sobrepor ao pensamento racional, dando pouca importância às advertências lógicas e convincentes dos adultos. Senna e Dessen (2012) destacam que durante o esse desenvolvimento cognitivo, adultos ficam preocupados com o comportamento adotado pelos adolescentes, principalmente na forma de pensar, característica do início dessa fase.

Diante dessas mudanças no desenvolvimento cerebral, a linguagem também se constitui como um aspecto no amadurecimento cognitivo. Os adolescentes continuam a progredir em suas habilidades da linguagem, adquirindo o pensamento abstrato, onde podem discutir e definir assuntos de forma mais abstrata, tais como justiça, liberdade e amor. Além disso, desenvolvem a capacidade de utilizar ironias, trocadilhos e metáforas, bem como a possibilidade de compreender as perspectivas sociais, sendo capazes de adaptar-se as conversas ao nível de conhecimento e as visões de mundo (Papalia & Feldman, 2013).

No desenvolvimento psicossocial ocorrem alterações na identidade e no self, na autoestima, no fortalecimento das relações amigáveis e na atmosfera familiar. A formação do self é baseada na constituição de metas, valores e crenças com os quais o adolescente está solidamente comprometido. Enquanto que a identidade se dá ao resolver três questões imprescindíveis, tais como a escolha da ocupação, a adoção de valores para sua vida e o desenvolvimento de uma identidade sexual satisfatória. No entanto, pode ocorrer dos

adolescentes sofrerem uma crise de identidade durante esse processo, embora isso seja em algum nível considerado esperado (Papalia & Feldman, 2013).

Assim como na terceira infância, a autoestima também está presente na adolescência. No sexo masculino, a autoestima está associada a uma luta pela realização individual, enquanto que no sexo feminino está relacionado ao estabelecimento de vinculação com os outros. Evidências sugeriram que a autoestima diminui significativamente durante a adolescência atingindo em maior nível as meninas, aumentando apenas gradualmente até a idade adulta (Papalia & Feldman, 2013).

Além disso, as relações familiares que os adolescentes estabelecem ao decorrer do seu desenvolvimento psicossocial também são imprescindíveis. Essas relações também são perpassadas por conflitos entre os membros familiares, que podem expressar implicações no sofrimento emocional dos jovens, expressão de condutas impulsivas e com probabilidade de maior rejeição de valores dos adultos. Papalia e Feldman (2013) sustentam que

Os relacionamentos com os pais durante a adolescência – o grau de conflito e abertura de comunicação – são baseados largamente na intimidade emocional desenvolvida na infância; e dez os relacionamentos dos adolescentes com os pais, por sua vez, estabelecem a base para a qualidade do relacionamento com um (a) companheiro (a) na idade adulta (p. 435).

Dentre as questões citadas, as amizades também são constituintes no processo de amadurecimento do adolescente. O estabelecimento de relações amigáveis atinge seu pico por volta dos doze e treze anos, onde visualizam esses vínculos como espaços de afeto, acolhimento, orientação moral, compreensão, uma possibilidade para conquistar a independência e a autonomia. Evidências apontaram que indivíduos que tem amizades íntimas, estáveis e solidárias possuem uma opinião favorável a respeito do si mesmo,

apresentando bom desempenho escolar, melhores níveis de socialização, não sendo hostis, ansiosos ou deprimidos (Papalia & Feldman, 2013).

A maior intimidade entre amigos adolescentes reflete o desenvolvimento cognitivo e emocional. Os adolescentes são agora mais capazes de expressar seus pensamentos e sentimentos particulares. Podem considerar mais prontamente o ponto de vista de outra pessoa e, desse modo, têm mais facilidade para entender os pensamentos e sentimentos de um amigo. Um aumento na intimidade reflete a preocupação inicial que os adolescentes têm de conhecer a si mesmos. Confidenciar a um amigo ajuda os jovens a explorar seus próprios sentimentos, a definir suas identidades e a validar sua autoestima (Papalia & Feldman, 2013, p. 437).

O desenvolvimento humano de forma geral envolve estudos de variáveis afetivas, sociais, biológicas e cognitivas em todo o ciclo da vida. Portanto, diversas áreas do conhecimento são necessárias para sua compreensão, como: a biologia, sociologia, medicina, educação, antropologia, entre outras (Mota, 2005). Nesse sentido, entende-se que a adolescência é um longo processo de amadurecimento, em que há diversas oportunidades para o crescimento físico, competência cognitiva e social, autonomia, intimidade e autoestima (Papalia & Feldman, 2013).

Aspectos da Ansiedade

A ansiedade em sua composição psicológica e física consegue se relacionar com as questões de desenvolvimento humano, vinculada a questões patológicas. Nessa última, fazem-se necessários instrumentos que avaliem a observação da manifestação da ansiedade, com foco nas situações em que essa característica ocorre em um intervalo maior de frequência, favorecendo o conhecimento de certos traços específicos do sujeito, com o

objetivo de fundamentar uma possível orientação, além da minimização dos problemas que são considerados e sentidos.

Lewis (1979) relatou que o tema ansiedade já era uma preocupação dos teóricos no ano de 1927, tendo encontrado três registros em abstracts; em 1931 eram 14, em 1950 eram 37, em 1966 o número passava de 200. A ansiedade é considerada um sentimento vago e desagradável de medo, apreensão, caracterizado por tensão ou desconforto derivado de antecipação de perigo, de algo desconhecido ou estranho. (Batista & Sisto, 2005).

O reconhecimento da ansiedade e do medo como patologias, no que se refere ao comportamento exagerado, por vezes, é entendido como desproporcional, levando em consideração os estímulos diversos presentes na adolescência, que vão interferir na qualidade de vida, no conforto emocional e no desempenho diário do indivíduo. As reações apresentadas como exageradas aos estímulos ansiogênicos são desenvolvidas, geralmente, nas pessoas com uma predisposição herdada, além do fator social de aprendizagem (Batista & Sisto, 2005).

Nesse aspecto, é importante levar em consideração a diferenciação da ansiedade considerada normal e patológica, através da avaliação da reação ansiosa, sendo de curta duração, autolimitada e, comumente relacionada ou não ao estímulo do momento. Os transtornos ansiosos se estabelecem em quadros psiquiátricos, compreendidos como comuns tanto nas crianças quanto nos adultos. Estima-se que a prevalência seja de 9% e 15%, respectivamente, durante o período de vida (Castillo, Recondo, Asbahr & Manfro, 2000). Andrade e Gorenstein (1998) dizem que o transtorno de ansiedade equivale a 12,5% dos transtornos psiquiátricos mais comuns na população.

Sintomas ansiosos são frequentes na descrição sintomática de outros transtornos psiquiátricos. Trata-se, portanto, de uma ansiedade que é explicada por sintomas que precedem as crises do transtorno primário, além de não constituir um conjunto de sintomas

que consiga determinar ou fechar o diagnóstico de um transtorno ansioso típico. Os transtornos ansiosos em crianças e adolescentes, que mais se repetem são: o Transtorno de Ansiedade de Separação, onde segundo Castillo, Recondo, Asbahr e Manfro (2000) prevalecem em torno de 4%; o Transtorno de Ansiedade Generalizada com taxas de 2,7% a 4,6%; e as fobias específicas, com 2,4% a 3,3%. Os outros transtornos associados, como a Fobia Social e o Transtorno de Pânico, ficam com taxas de 1% a 0,6%, respectivamente.

Nos sistemas classificatórios CID-10,6 e DSM-IV7, o transtorno de ansiedade de separação foi mantido na seção específica da infância e adolescência (APA, 1992). No DSM-III-R8, há presença do transtorno de ansiedade excessiva e de evitação durante a infância, que passam a ser referidos nas classificações atuais como Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) e Fobia Social, respectivamente (APA, 1987). Já no sistema mais atual, DSM-5, os transtornos de ansiedade ganham uma categoria solo, onde nela existe a descrição de todas as suas classes, maiores prevalências e recortes (APA, 2014). Assim, não existindo mais a seção específica para o recorte de infância e adolescência, mesmo que exista o Grupo de Trabalho (GT), que estuda os transtornos dentro desse viés.

Nesse contexto, a ansiedade é entendida como a única e coerente estrutura capaz de possuir um sentido de incontrolabilidade, sob o qual se foca na possibilidade de futuras ameaças, de certos perigos e/ou outros eventos considerados negativos, que trazem características de vigilância ou hipervigilância, que atuam como um mecanismo de prontidão e de preparação para lidar com as situações que são potencialmente negativas, o que faz da ansiedade um transtorno antecipatório.

O nível de ansiedade depende do grau de intensidade, sendo maior ou menor, podendo ser uma leve tensão, ou um profundo terror. Isso permite que ela assuma várias formas e intensidades diferentes, já que se refere a uma reação básica de qualquer indivíduo diante de um perigo, ou até mesmo, da probabilidade de um.

MÉTODO

Delineamento de Estudo

O método utilizado para a execução do trabalho baseia-se na pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico integrativo e exploratório, a fim de reunir material que trate da proposta da pesquisa e assim, que se consiga obter dados e análises condensadas que reúnam aspectos bibliográficos sobre o assunto tratado. (Gil, 2002).

No que se refere à pesquisa qualitativa, conforme (Minayo, 2009, apud Ana, Guilherme & Brunna, 2021) esta, ocupa-se com a dimensão da realidade, com aspectos subjetivos e significativos do indivíduo inserido em um contexto. Através da mesma, tem como objetivo a compreensão dos fenômenos, processos particulares e fatos específicos. Na visão de (Flick, 2004, como citado em Ana, Guilherme & Brunna, 2021) a abordagem qualitativa é reconhecida quanto aos aspectos das relações sociais a pesquisa, destaca-se a pluralização da vida na população, que tem como resultado as possíveis mudanças sociais.

Através da pesquisa qualitativa e de referencial bibliográfico, procura-se compreender e relacionar não só as estruturas vigentes dentro da temática, como os atores nele incluídos. Com a pesquisa exploratória se possibilita identificar a variável de estudo, seu significado da forma como se apresenta, além de buscar compreender o contexto na qual esta variável se insere na sociedade.

Mediante o presente estudo, realizamos uma revisão bibliográfica integrativa, com a iniciativa de promover a síntese de conhecimento, e a catalogação dos conteúdos, tendo sua relevância na aplicabilidade de resultados dos estudos que foram encontrados (Souza, Silva & Carvalho, 2010).

Coleta de Dados

O estudo foi realizado a partir da consulta em dados das plataformas Scielo, Pepsic, Google Acadêmico, Biblioteca Virtual em Saúde – Portal da BVS, e na Fiocruz, contabilizando a maior quantidade de artigos possíveis, conforme os seguintes requisitos: busca – pelos descritores: ansiedade, adolescente e transtorno.

Tais descritores foram evidenciados na mesma sentença; e a prevalência de autores que pesquisaram especificamente a temática. O critério de exclusão foram os artigos anteriores ao ano de 2018, os que não trataram da temática e por fim, os que não foram feitos por descritores brasileiros.

Enquanto que o critério de inclusão foram selecionar 15 artigos de autores brasileiros produzidos entre os anos de 2018 a 2022, que tratam do assunto de ansiedade na adolescência, e em língua portuguesa (Brasil), os quais foram citados anteriormente.

Análise de Dados

Selecionados quinze artigos com os descritores ansiedade em adolescentes, e transtorno de ansiedade na adolescência, nas plataformas principais de acesso inclusivo: Scielo, Pepsic, Google Acadêmico, Biblioteca Virtual em Saúde – Portal da BVS, e a Fiocruz.

A plataforma da Scielo e Google Acadêmico se mostraram mais promissoras, possibilitando que houvesse um maior filtro nas buscas, sendo automático a busca por publicações dos últimos cinco anos (2018-2022). Nestas plataformas foram encontrados dez artigos com os descritos “ansiedade e adolescente” e cinco artigos nas demais plataformas com os mesmos descritores.

Então, destas quinze publicações, todas têm em comum a palavra ‘ansiedade’ como descritor principal. Entretanto, apenas dez deles contemplam o termo ‘adolescente’ ou ‘adolescência’ em suas palavras-chaves, bem como, usam de outras nomenclaturas que foram encontrados para especificar alguns recortes mais precisos, como: saúde mental; infância; sintomas; transtornos mentais; gênero e saúde; e estágios do ciclo de vida.

A tabela abaixo ilustra os quinze textos estudados, destacando especialmente informações da seleção, onde contempla os seguintes aspectos: autores, título da obra, ano de publicação, editora na qual se deu a obra para as plataformas escolhidas e resultado dos artigos analisados.

Número	Autor	Título	Ano da publicação	Editora	Resultado
1	Silva Filho; Silva; Silva; Silva; Souza; Rodrigues; Rodrigues; Silva; Melo; Cabral & Maia.	A psicofarmacologia nos transtornos de ansiedade na infância e adolescência.	2022	Brazilian Journal of Development	Os transtornos de ansiedade (TA), caracterizados por quadros de ansiedade acentuada, são alguns dos transtornos mentais que mais acometem crianças e adolescentes. Cada vez mais prevalentes nessa faixa etária, são responsáveis por déficits no desenvolvimento do infante. Quando não tratados corretamente, implicam na possibilidade do progressivo agravamento da condição mórbida ao longo da vida.
2	Kinouti, Galli, Bertozzi & Suedt.	Transtornos de ansiedade em adolescentes em situação de vulnerabilidade social: Uma revisão narrativa.	2021	Brazilian Journal of Health Review	A adolescência é marcada por um intenso e complexo desenvolvimento biopsicossocial, permeado por oscilações, descobertas e a busca pela formação de uma identidade. Sob esse cenário, busca-se compreender e relacionar os determinantes sociais que influenciam a saúde mental do adolescente no Brasil, de modo especial, o agente de vulnerabilidade social.

3	Santos, Tavares, Donalette & Silva	Analisando os distúrbios funcionais do transtorno de ansiedade em adolescentes de 14 a 19 anos pela terapia ocupacional.	2021	RECISATEC	O texto informa basicamente que a adolescência se caracteriza pela etapa cheia de desafios, permeada por sentimentos ambivalentes, que se mal elaborados podem acarretar adoecimento físico e/ou mental e funcional.
4	da Cunha.	Educação física escolar e transtornos de ansiedade: uma revisão narrativa.	2021	BDM UNB	A ansiedade é um estado psicológico com sintomas psiquiátrico mais comumente experimentado, expectativa apreensiva ou medo. Sabendo disso e da importância da prática de atividade física para a saúde física e mental, o objetivo do presente estudo foi analisar e interpretar as evidências científicas disponíveis por meio de revisão narrativa que discuta a Educação Física Escolar no Ensino Médio e seus benefícios em relação à saúde mental e aos Transtornos de Ansiedade.
5	Toassi & Carvalho.	O impacto do transtorno de ansiedade generalizada nas funções executivas dos adolescentes.	2021	Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação	A adolescência é marcada pelo processo de amadurecimento das funções executivas o qual pesquisas apontam déficits nessa área em jovens com Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG). Dessa forma o presente artigo tem como objetivo apresentar uma revisão assistemática da literatura em periódicos e bases de dados brasileiras e internacionais sobre o impacto do transtorno de ansiedade generalizada nas funções executivas dos adolescentes.
6	Martins & Cunha.	Ansiedade na adolescência: o ensino médio integrado em foco.	2021	EPT	Este estudo objetivou verificar a frequência dos sintomas ansiosos de estudantes de três Cursos Integrados ao Ensino Médio de uma instituição pública de ensino de uma cidade sul mineira e averiguar possíveis diferenças nos níveis de ansiedade entre os sexos, os anos escolares, as idades e os cursos.

7	Lisboa & Colli.	Atenção farmacêutica no uso de benzodiazepínicos e outros psicofármacos no tratamento de transtornos de ansiedade e pânico por jovens atualmente no município de Nova Iguaçu.	2021	Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação	Os Transtornos de ansiedade têm sido cada vez mais diagnosticados em indivíduos cada vez mais jovens, até mesmo em crianças essa doença vem sendo observada com o passar dos anos. O fato de ser uma doença com possivelmente mais de 100 sintomas diferentes torna ainda mais delicado o tratamento farmacológico.
8	Costa & Ferrari.	Transtorno de ansiedade em adolescentes vestibulandos: aproximações.	2020	Ver. Conversas em Psicologia	A ansiedade hoje é considerada um dos principais transtornos mentais que acomete a população. Especialmente na adolescência existem alguns fatores que podem desencadear ou potencializar quadros de ansiedade, como nos períodos em que esses jovens se preparam para o vestibular.
9	Orellana, Ribeiro, Barbiere, Saraiva, Cardoso, Bettioli, da Silva, Barros, Gonçalves, Wehrmeister, Menezes, Del-Bem & Horta.	Transtornos mentais em adolescentes, jovens e adultos do Consórcio de Coortes de Nascimento brasileiras RPS - Ribeirão Preto, Pelotas e São Luís).	2020	Cad. Saúde Pública	Este estudo avaliou a prevalência de transtornos mentais em adolescentes, jovens e adultos e sua relação com características sociodemográficas em cinco coortes de nascimento (RPS): Ribeirão Preto (São Paulo), Pelotas (Rio Grande do Sul) e São Luís (Maranhão), Brasil. Episódio depressivo, risco de suicídio, fobia social e transtorno de ansiedade generalizada foram avaliados usando-se o Mini International Neuropsychiatric Interview. Intervalos de confiança bootstrap foram estimados e prevalências estratificadas por sexo e nível socioeconômico no programa R.

10	Tourinho, Hemanny & de Oliveira.	Ocorrência de sintomas de transtorno de ansiedade generalizada (TAG) e transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) em estudantes de 11 a 18 anos de uma escola pública de Salvador.	2020	Rev. Ciências Médicas e Biológicas	O objetivo deste estudo é descrever a ocorrência de sintomas de TAG e TOC em adolescentes, com idade entre 11 e 18 anos, procedentes de escola pública da cidade do Salvador.
11	Holanda.	Uso <i>off label</i> de medicamentos no tratamento de transtorno de ansiedade em crianças e adolescentes.	2020	Repertorio USP	Transtornos de ansiedade acometem crianças e adolescentes afetando a qualidade de vida e causando prejuízos. Devem ser tratados para que não progridam para a vida adulta. Quando o tratamento farmacológico é necessário, a prescrição <i>off label</i> é a única alternativa, porque não há medicamentos com garantia de segurança e eficácia aprovados para o tratamento dessa população.
12	Matos, Hemanny & Oliveira.	Presença de sintomas de fobia social, transtorno do pânico e ansiedade de separação em estudantes de 11 a 17anos, em uma escola da rede pública de ensino de Salvador.	2020	Rev. Ciências Médicas e Biológicas	Crianças e adolescentes, não raro, apresentam sintomas de fobia social, transtorno do pânico e ansiedade de separação, que podem causar comprometimento nas habilidades sociais e dificultar as relações de forma incapacitante.
13	Francisco, Tavares & Toledo.	Adversidade da ansiedade social aplicada na fase da adolescência.	2019	Rev. Científica UNIFAGOC	O presente trabalho busca esclarecer aspectos da associação do Transtorno da Ansiedade Social no que tange a adolescência, quais os fatores pelos quais os adolescentes podem desenvolver sintomas ansiosos e descrever como é o convívio social desses adolescentes.

14	Silveira; dos Santos; Paschoal & Morais	Ansiedade em alunos do ensino médio: um estudo de revisão.	2019	Psicologia.pt	A adolescência é um período marcado por mudanças físicas, cognitivas e também pelas mudanças emocionais e sociais. É um percurso cheio de dúvidas, inseguranças que geram angústias e agitações. E nesse período encontramos jovens estudantes com grandes níveis de ansiedade, que desestabilizam a concentração e a memória, trazendo dificuldades e insucesso escolar.
15	Lopes & Santos	Transtorno de ansiedade.	2018	REICEN	A depressão e ansiedade têm manifestações diferentes, mas possuem fundamentos corriqueiros, que são síndromes heterogêneas, supostamente relacionadas devido a características cotidianas, são fenômenos separados, os quais podem alternar-se ao longo do tempo, são manifestações distintas, conceitual e empiricamente.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Dentre os artigos mencionados, percebe-se que o artigo “**2 - Transtornos de ansiedade em adolescentes em situação de vulnerabilidade social: Uma revisão narrativa (2021)**”, dos autores (Kinouti, Galli, Bertozzi & Suedt, 2021), destacou a repercussão na ansiedade da vulnerabilidade social dos adolescentes, e em consonância com o artigo “**8 - Transtorno de ansiedade em adolescentes vestibulandos (2020)**”, dos autores (Costa & Ferrari, 2020), também destacou a necessidade de haver mais investigações e estudos sobre a temática.

Já no artigo “**1 - A psicofarmacologia nos transtornos de ansiedade na infância e adolescência (2022)**”, dos autores (Silva Filho; Silva; Silva; Souza; Rodrigues; Rodrigues; Silva; Melo; Cabral & Maia, 2022) e no artigo “**5 - O Impacto do Transtorno de Ansiedade Generalizada nas Funções Executivas dos Adolescentes (2021)**”, observada a existência de menção direta sobre as consequências negativas para o restante da vida do adolescente em decorrência do transtorno de ansiedade, ou seja, para as autoras (Toassi &

Carvalho, 2021), os prejuízos não se aplicam somente nesta fase da vida, como também progridem a fase adulta. No artigo que menciona a psicofarmacologia, em consonância com o artigo “**11** - Uso *off label* de medicamentos no tratamento de transtorno de ansiedade em crianças e adolescentes (2020)”, da autora (Holanda, 2020), foram os únicos a dar enfoque aos estudos clínicos relacionados aos fármacos para o tratamento da ansiedade na adolescência, tendo este último também mencionado crianças em seu estudo.

Relacionando às mudanças emocionais e sociais no período da adolescência, o artigo “**14** - Ansiedade em alunos do ensino médio: Um estudo de revisão (2019)”, argumenta que a fase da adolescência é um período marcado por mudanças diversas, sendo um percurso cheio de dúvidas e inseguranças, que geram angústias e agitações. (Silveira; Dos Santos; Paschoal & Morais, 2019).

Referente ao artigo “**15** - Transtorno de ansiedade (2018)” traz reflexão sobre as experiências empíricas de cada paciente, as autoras Lopes e Santos (2018), demonstraram preocupação, pois a ansiedade desencadeia outras doenças, contudo, sugerem como opção o tratamento alternativo com plantas medicinais. Trazendo como enfoque os estudos do artigo “**3** - Analisando os distúrbios funcionais do transtorno de ansiedade em adolescentes de 14 a 19 anos pela terapia ocupacional (2021)” a autora destacou o fato de que sentimentos próprios e experiências empíricas influenciam no surgimento do transtorno de ansiedade.

No que diz respeito ao artigo “**4** - Educação Física Escolar e Transtornos de Ansiedade: Uma Revisão Narrativa (2021)”, da autora (Cunha, 2021), analisa uma narrativa interessante quanto ao fato de atividades físicas trazerem benefícios à saúde mental e aos transtornos de ansiedade.

O artigo “**9** - Transtornos mentais em adolescentes, jovens e adultos do Consórcio de Coortes de Nascimento brasileiras RPD - Ribeirão Preto, Pelotas e São Luís (2020)”, ilustra dados relevantes sobre uma parcela de adolescentes participantes de pesquisa sobre a

ansiedade, cujos autores (Orellana, Ribeiro, Barbiere, Saraiva, Cardoso, Bettiol, da Silva, Barros, Gonçalves, Wehrmeister, Menezes, Del-Bem & Horta, 2020) incluíram dados sobre o desencadeamento de condições de saúde mental mais grave, resultante das comorbidades da ansiedade.

Esse mesmo foco direcionado a um grupo específico de adolescentes, foi constatado nos artigos “**10 - Ocorrência de sintomas de transtorno de ansiedade generalizada (TAG) e transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) em estudantes de 11 a 18 anos de uma escola pública de Salvador (2020)**” dos autores (Tourinho, Hemany & De Oliveira, 2020), e o artigo “**15. Presença de sintomas de fobia social, transtorno do pânico e ansiedade de separação em estudantes de quinze a dezessete anos, em uma escola da rede pública de ensino, localizada em Salvador (2020)**” dos autores (Matos, Hemanny & Oliveira, 2020), a diferença é que nestes dois últimos, o foco direcionou-se a 674 adolescentes de determinada escola pública. Este último também argumenta sobre a importância de estudos mais robustos sobre o tema, ressaltando o risco de tal transtorno comprometer habilidades sociais e incapacitar relações.

Seguindo a metodologia de pesquisa em determinado grupo de adolescentes, o artigo “**6 - Ansiedade na adolescência: O ensino médio integrado em foco (2021)**”, dos autores (Martins & Cunha, 2021) também consolidaram tal meio de estudo.

No artigo “**12. Atenção farmacêutica no uso de benzodiazepínicos e outros psicofármacos no tratamento de transtornos de ansiedade e pânico por jovens atualmente no município de Nova Iguaçu (2021)**”, como o próprio título remete os autores (Lisboa & Colli, 2021) buscaram realizar a pesquisa somente em grupo restrito de adolescentes, todavia, destacaram um dado importante, o fato de que existem muitos sintomas diferentes para identificação do transtorno de ansiedade. Todavia, isso denota uma delicadeza maior quanto aos tratamentos. Destaca-se também, pouca informação sobre os efeitos dos medicamentos potencializadores da ansiedade.

O artigo “**13** - Adversidade da ansiedade social aplicada na fase da adolescência (2019)” os autores (Francisco, Tavares & Toledo, 2019), deram ênfase aos fatos que contribuem para o desenvolvimento dos sintomas ansiosos no convívio social dos adolescentes.

Durante as pesquisas, verificou-se que não houve uma produção ou pesquisas variadas com adolescentes em período de pandemia. Diante do exposto, nota-se que há muito mais a ser estudado e explorado no intuito de melhorar o entendimento sobre a temática neste período e o que se observa após sua ocorrência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos aspectos apresentados no que diz respeito à temática abordada ao longo do trabalho, nota-se que a fase da adolescência é um período da vida do indivíduo com peculiaridades específicas, especialmente caracterizadas pelas transformações emocionais e físicas, fatores estes que influenciam diretamente no surgimento de situações que potencializam a apreensão diante de circunstâncias diversas, consolidando o surgimento do estado de ansiedade, o qual, não necessariamente será um tipo de transtorno, afinal, níveis baixos de ansiedade existente no dia a dia do adolescente, sendo considerada normal, assim como ocorre nas demais fases da vida.

Quando a ansiedade se manifesta a nível patológico causa prejuízos clinicamente significativos para a vida do adolescente. Diante do cenário, constatou-se que vulnerabilidades sociais e familiares juntamente com relacionamentos profissionais e de amizade são preponderantes para a verificação das causas do transtorno a depender da forma como a ansiedade se apresenta e as consequências de sua intensidade.

Os estudos sobre a ansiedade em adolescentes, apesar de incipientes, influenciaram positivamente para a consolidação de medidas mais eficientes, visto que quando se entende as causas do problema, encontram-se precedentes para melhor direcionamento a ser aplicado. Contudo, verificou-se que ainda há muito a ser explorado, inclusive, é fundamental ampliar e aperfeiçoar os estudos, podendo ser realizados e aprimorados por outros autores a partir dessa pequena contribuição.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association (APA). (1987). **DSM-III-R – Diagnostic and Statistical Manual for Mental Disorders**, 3rd version, revised. Washington (DC): American Psychiatric Press.

American Psychiatric Association (APA). (1994). **DSM IV – Diagnostic and Statistical Manual for Mental Disorders**, 4th version. Washington (DC): American Psychiatric Press.

American Psychiatric Association (APA). (2014). **DSM V – Diagnostic and Statistical Manual for Mental Disorders**, 5th version. Washington (DC): American Psychiatric Press.

Ana, P. G. B., Guilherme, S. O., & Brunna, A. S. (2021). **A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação.** *Cadernos de funcamp*, v. 20, n. 44, p. 1-15/2021. Recuperado de: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2354>

- Andrade, L.H.S.G., & Gorenstein, C. (1998). **Aspectos gerais das escalas de avaliação de ansiedade**. Revista de Psiquiatria Clínica, 25 (6), Edição especial, 285- 290.
Recuperado de: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-236702>
- Batista, M. A; Sisto, F. F. (2005). **Estudo para a construção de uma escala de ansiedade para adolescentes**. Campinas: Estudos de Psicologia, 22(4), 347-354. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/hRjFZv87LPq4ZvcTXhpyKTC/>
- Brasil (1990). **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Casa Civil. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm
- Brasil, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. (2007). **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes**. Brasília : Editora do Ministério da Saúde.
- Castillo, A. R. G., Recondo, R., Asbahr, F. R., & Manfro, G. G. (2000). **Transtorno de Ansiedade**. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/dz9nS7gtB9pZFY6rkh48CLt/>
- Costa, W. & Ferrari, W. N. (2020). **Transtorno de ansiedade em adolescentes vestibulandos: aproximações**. Revista Conversas em Psicologia, v. 1 n.1 (2020).
Recuperado de: <https://revistasfacesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/47>
- da Cunha, G. M. R (2021). **Educação física escolar e transtornos de ansiedade : uma revisão narrativa**. 2021. 32 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Recuperado de: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/30166/1/2021_GiovannaMendoncaRibeiroCunha_tcc.pdf
- da Silva Filho, E. L; Silva, M. J. P. da; da Silva, T. C. C; Silva, A. da A; Souza, I. C. da S; Rodrigues, L. H. de O; Rodrigues, L. B. de O; Silva, K. C. M; Melo, C. I. A; Cabral,

- H. C. & Maia, R. P. (2022). **A psicofarmacologia nos transtornos de ansiedade na infância e adolescência**. Revista Brasileira de Desenvolvimento. Recuperado de: <https://doi.org/10.34117/bjdv8n5-389>
- Dalgalarrondo, P. (2019). **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/y6dzVx3qGGbKkH3fvr3VTGw/?lang=pt#>
- Flick, U. (2004) **Uma introdução a pesquisa qualitativa**. Porto Alegre.
- Francisco, D. K. dos S; Tavares, F. S. & Toledo, J. D. F. (2019). **Adversidade da ansiedade social aplicada na fase da adolescência**. Revista Científica Fagoc – Multidisciplinar, v. IV - – ISSN 225-448X. Recuperado de: <https://revista.unifagoc.edu.br/index.php/multidisciplinar/article/view/439/427>
- Gil, A. C. (2002) **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas.
- Holanda, K. M. (2020). **Uso off label de medicamentos no tratamento de transtorno de ansiedade em crianças e adolescentes (Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Universidade de São Paulo, São Paulo**. Recuperado de <https://repositorio.usp.br/directbitstream/c4834994-e1ba-4554-a626-2b85d42ba29e/3059184.pdf>
- Kinouti, A. J. Y.; Galli, C.; Bertozzi, L.; Suedt, M. B. de C.; Neto, S. I. B. (2021). **Transtornos de ansiedade em adolescentes em situação de vulnerabilidade social: Uma revisão narrativa**. Brazilian Journal of Health Review. Recuperado de: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BJHR/article/view/37862/pdf>
- Lewis, A. (1979). **Problems presented by ambiguous word “anxiety” as used in psychopathology**. The Later Papers of Sir Aubrey Lewis. Oxford: University Press. Recuperado de: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/5247328/>

- Lisboa, I. B. & Colli, L. F. M. (2021). **Atenção farmacêutica no uso de benzodiazepínicos e outros psicofármacos no tratamento de transtornos de ansiedade e pânico por jovens atualmente no município de Nova Iguaçu.** Revista Ibero – Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE – São Paulo, v. 7 n.10 – ISSN 2675-3375. Recuperado de:
<https://periodicorease.pro.br/rease/article/download/2663/1053/4333>
- Lopes, K. C. da S. P., & dos Santos, W. L. (2018). **Transtorno de ansiedade.** Revista De Iniciação Científica E Extensão, 1(1), 45–50. Recuperado de
<https://revista.unifatecie.edu.br/index.php/conversas/article/view/35/39>
- Martins, C. M. dos S. & Cunha, N. de B. (2021). **Ansiedade na adolescência: o ensino médio integrado em foco.** Educação Profissional E Tecnológica Em Revista, 5(1), 41-61. Recuperado de: <https://doi.org/10.36524/profept.v5i1.832>
- Matos, T. P de; Hemanny, C. & Oliveira, I. R. de (2020). **Presença de sintomas de fobia social, transtorno do pânico e ansiedade de separação em estudantes de 11 a 17anos, em uma escola da rede pública de ensino de Salvador.** Revista de Ciências Médicas e Biológicas, 19(4), 560–564. Recuperado de:
<https://doi.org/10.9771/cmbio.v19i4.42707>
- Minayo, M. C. S. (2009). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade.** Petrópolis, Rio de Janeiro.
- Orellana, J. D. Y; Ribeiro, M. R. C; Barbieri, M. A; da Saraiva, M. C; Cardoso, V. C; Bettiol, H; da Silva, A. A. M; Barros, F. C; Gonçalves, H; Wehrmeister, F. C; Menezes, A. M. B., Del-Ben, C. M. & Horta, B. L. (2020). **Transtornos mentais em adolescentes, jovens e adultos do Consórcio de Coortes de Nascimento brasileiras RPS (Ribeirão Preto, Pelotas e São Luís).** CSP – Caderno de Saúde Pública,

36(2):e00154319. Recuperado de:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/vwb4zLk6LpJ5RrKzRmgBvbh/?format=pdf&lang=pt>

Organização Mundial da Saúde (OMS). (1992). **CID-10 – Classificação Internacional de Doenças**, décima versão. Genebra: Organização Mundial da Saúde.

Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). **Desenvolvimento Humano**. (12 ed.). Porto Alegre: Artmed.

Santos, T. S., Tavares, J. S. L., Donalete, C. & da Silva, A. M. B. F (2021). **Analisando os distúrbios funcionais do transtorno de ansiedade em adolescentes de 14 a 19 anos pela terapia ocupacional. RECISATEC - revista científica saúde e tecnologia - ISSN 2763-8405, 1(2), e1218.** Recuperado de:

<https://doi.org/10.53612/recisatec.v1i2.18>

Silveira, J. A; Santos, W. C. da; Paschoal, R. A., & Moraes, R. C. P. de. (2019). **Ansiedade em alunos do ensino médio: um estudo de revisão - issn 1646-6977.** Recuperado de: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1379.pdf>

de Souza, M. T.; da Silva, M. D; Carvalho, R. de. (2010). **Revisão Integrativa: o que é e como fazer.** Einstein. Recuperado de:

<https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?lang=pt&format=pdf>

Toassi, D. G. F. & Carvalho, C. F. de (2021). **O impacto do transtorno de ansiedade generalizada nas funções executivas dos adolescentes. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, 7(11), 68–80.** Recuperado de:

<https://doi.org/10.51891/rease.v7i11.2994>

Tourinho, S. E. S; Hemany, C. & de Oliveira, I. R (2020). **Ocorrência de sintomas de transtorno de ansiedade generalizada (TAG) e transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) em estudantes de 11 a 18 anos de uma escola pública de Salvador. Revista**

de Ciências Médicas e Biológicas, 19(4), 547–552. Recuperado de:

<https://doi.org/10.9771/cmbio.v19i4.42669>

Sifuentes, R. T; Dissen, M. A. & de Oliveira (2007). **Desenvolvimento humano: desafios para a compreensão das trajetórias probalísticas**. Universidade de Brasília (DF).

Psicologia: teoria e pesquisa. Vol. 23 n. 04 pp. 379-386. Recuperado de:

<https://www.scielo.br/j/ptp/a/QCtKJsmxWhK8KF8xt3HVpVd/?lang=pt&format=pdf>

de Moura, E. P. G. & Pereira, G. C (2017). **Desenvolvimento Humano – Repensando**

Conceitos no Âmbito Interdisciplinar. Revista Contrapontos. Universidade

FEEVALE – Nova Hamburgo (RS), Brasil. Recuperado de:

<https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/10169>;

Senna, S. R. C. M & Dessen, M. A (2012). **Contribuições das teorias do desenvolvimento**

humano para a concepção contemporânea da adolescência. Psicologia: teoria e

pesquisa. Vol. 28 n, 01, pp. 101-108. Universidade de Brasília (DF). Recuperado de:

<https://www.scielo.br/j/ptp/a/fpKByLWpTT8BY4Yv9kRH6pB/?lang=pt&format=pdf>

da Mota, M. E (2005). **Psicologia do desenvolvimento: uma perspectiva histórica**.

Temas psicologia. Vol.13 n.2. Universidade Juiz de Fora (Ribeirão Preto).

Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2005000200003